

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PRESIDENTE DUTRA
CURSO DE LETRAS

GILCIVANE SOUSA ALMEIDA

ENTRE CARTAS E CRÔNICAS:
O sentimento de não pertencimento na escrita literária de Clarice Lispector

GILCIVANE SOUSA ALMEIDA

ENTRE CARTAS E CRÔNICAS:

O sentimento de não pertencimento na escrita literária de Clarice Lispector

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Letras da
Universidade Estadual do Maranhão para
obtenção do título de Licenciado em Letras,
com habilitação em Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof.^a Ma. Ane Beatriz dos
Santos Duailibe

Presidente Dutra

2021

Almeida, Gilcivane Sousa.

Entre cartas e crônicas: o não pertencimento na escrita literária de Clarice Lispector / Gilcivane Sousa Almeida. – Presidente Dutra, MA, 2022.

... f

Monografia (Graduação) – Curso de Letras Licenciatura, Centro de Estudos Superiores de Presidente Dutra, Universidade Estadual do Maranhão, 2022.

Orientadora: Profa. Ma. Ana Beatriz Santos Duailibe.

1.Autobiografia. 2.Carta. 3.Clarice Lispector. 4.Crônica. 5.Deslocamento.
I.Título.

CDU: 82-94

GILCIVANE SOUSA ALMEIDA

ENTRE CARTAS E CRÔNICAS:

O sentimento de não pertencimento na escrita literária de Clarice Lispector

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Letras da
Universidade Estadual do Maranhão para
obtenção do título de Licenciado em Letras,
com habilitação em Língua Portuguesa.

Aprovado em: 10 / 01 / 2022

Prof.^a Ma. Ane Beatriz dos Santos Duailibe (Orientadora)
Universidade Estadual do Maranhão

2º EXAMINADOR
Universidade Estadual do Maranhão

3º EXAMINADOR
Universidade Estadual do Maranhão

AGRADECIMENTOS

Essa pesquisa é consagrada primeiramente a Deus, que não permitiu que meu equilíbrio e dedicação ficassem comprometidos, sendo meu principal suporte nessa experiência.

À literatura clariciana por me proporcionar vários flagrantes de reflexão e epifania.

À minha orientadora, Ane Beatriz, pelo seu conhecimento em literatura contemporânea e por ter aceitado guiar-me em meio a tarefas árduas do cotidiano.

Aos professores do curso de Letras, que dedicaram-se nesse espaço de tempo, e contribuíram de forma significativa para minha vida acadêmica e profissional.

Às queridas, Ferliane e Keila, pela amizade e por terem compartilhado benevolência no decorrer das dificuldades.

À minha família, pelo apoio imprescindível e pela confiança depositada em mim.

E a todos aqueles que carinhosamente fizeram parte dessa incessante caminhada.

Tenho certeza de que no berço a minha primeira vontade foi a de pertencer [...] eu de algum modo devia estar sentindo que não pertencia a nada e a ninguém. Nasci de graça. Se no berço experimentei essa fome humana, ela continua a me acompanhar pela vida afora, como se fosse um destino.

Clarice Lispector

RESUMO

Interessa à presente monografia, um olhar mais atento a crônica, *Pertencer*, de Clarice Lispector, encontrada na coletânea, *A descoberta do mundo* (1999), e a carta de naturalização enviada para Getúlio Vargas, publicada no livro, *Correspondências* (2002). A escolha desses gêneros devem-se pela versatilidade e por possuírem um caráter autobiográfico da autora, exigindo assim, uma certa pessoalidade. Os estudos e análises tem como objetivo enfatizar, especialmente, o universo íntimo de Clarice e as possíveis causas que levaram a escritora a apresentar o sentimento de não pertencimento. O levantamento do seu panorama literário possibilitou a aproximação com a psicanálise, com isso, foi possível a construção de uma base interpretativa para as sensações de deslocamento e a degradação de um ser diante da ausência do amparo do outro. O trabalho foi elaborado a partir de pesquisas bibliográficas, no qual, foram consultadas obras que tratam do tema proposto. Como referencial teórico utilizou-se Nádia Batella Gotlib (1995), Benjamin Moser (2009), Olga Borelli (1981), que reforçam a travessia pessoal de Clarice; Benedito Nunes (1976), e Antônio Cândido (1977), que são vozes críticas a respeito de suas obras; Sartre (2013), e Bakhtin (1992), que expõem seus procedimentos a respeito da vida em sociedade e dos sujeitos envolvidos, entre outros autores que deram suporte para o enriquecimento desta pesquisa. O anseio por pertencer foi pauta em todos os estágios de vida de Clarice Lispector, que sentia-se deslegitimada. Assim, para dar significado a sua existência, a palavra foi essencial: a literatura lhe permitiu o encontro consigo mesmo, reconheceu-se no campo das letras, a escrita abraçou a procura por seu autoconhecimento, e ao falar de si, a autora também fala de todos que procuram sua essência.

Palavras-chave: Clarice Lispector; autobiografia; deslocamento; crônica; carta.

ABSTRACT

The present monograph is interested in a closer look at the chronicle, *Pertencer*, by Clarice Lispector, found in the collection, *A Descobrimento do Mundo* (1999), and the naturalization letter sent to Getúlio Vargas, published in the book, *Correspondências* (2002). The choice of these genres is due to their versatility and because they have an autobiographical character of the author, thus demanding a certain personality. The studies and analyzes aim to emphasize, especially, Clarice's intimate universe and the possible causes that led the writer to present the feeling of not belonging. The survey of his literary panorama made possible the approximation with psychoanalysis, with this, it was possible to build an interpretive basis for the sensations of displacement and degradation of a being in the absence of the support of the other. The work was prepared from bibliographical research, in which works dealing with the proposed theme were consulted. As theoretical reference Nádia Batella Gotlib (1995), Benjamin Moser, (2009), Olga Borelli (1981), were used, who reinforce Clarice's personal journey; Benedito Nunes (1976), and Antônio Cândido (1977), who are critical voices about his works; Sartre (2013), and Bakhtin (1992), who expose their procedures regarding life in society and the subjects involved, among other authors who supported the enrichment of this research. The desire to belong was a guideline at all stages of Clarice Lispector's life, who felt she was delegitimized. Thus, to give meaning to her existence, the word was essential: literature allowed her to meet herself, she recognized herself in the field of letters, writing embraced the search for her self-knowledge, and when talking about herself, the author also speaks of all who seek their essence.

Keywords: Clarice Lispector; autobiography; displacement; chronicle; letter.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 CORTESIA A CLARICE LISPECTOR.....	13
2.1 Travessia pessoal.....	13
2.2 Um olhar crítico.....	16
3 DIÁLOGOS COM A PSICANÁLISE.....	20
3.1 As crônicas claricianas e seu universo psíquico.....	20
4 ENTRE CARTAS E CRÔNICAS: o tema da desterritorialização.....	32
4.1 A carta de naturalização e a devoção ao Brasil.....	32
4.2 A crônica Pertencer e o sentimento de deslocamento.....	35
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
6 REFERÊNCIAS.....	45

1 INTRODUÇÃO

Agora sei: sou só. Eu e minha liberdade que não sei usar. Grande responsabilidade da solidão. Quem não é perdido não conhece a liberdade e não a ama. Quanto a mim, assumo a minha solidão. Que às vezes se extasia como diante de fogos de artifício. Sou só e tenho que viver uma certa glória íntima que na solidão pode se tornar dor. E a dor, silêncio. Guardo o seu nome em segredo. Preciso de segredos para viver. (LISPECTOR, 1973, p. 77).

A literatura clariciana é profunda e intensa, revela sua personalidade no modo singular de escrever, o que é primordial para levar o leitor a criar uma relação de proximidade com as pessoas do texto, e esse viés pouco convencional, tornou-a uma das mais importantes autoras da contemporaneidade.

O percurso literário de Lispector possui um potencial de grande autonomia, ela rompe com a tradição, desenvolve sua forma original de escrever nos convidando à alteridade e permitindo múltiplos olhares. Revela-se no contexto da Ditadura Militar, quando a maior parte dos escritores estavam interessados somente em denunciar os problemas sociais existentes, ela vai além disso, cultiva sua própria forma de escrita, fugindo parcialmente dos desdobramentos da radicalização, e ao mesmo tempo, contesta o sistema em vigor com uma percepção sutil, criativa, desestabilizando quem ler, e espera uma imposição grosseira de pensamentos, e é essa articulação que faz a sua produção ser demasiadamente envolvente.

Clarice, deu um novo sentido à literatura, com seu estilo que permeia as mais íntimas feridas humanas, esse diálogo interno faz com que suas obras sejam atemporais, a transfiguração dos seus sentimentos é expresso nos textos, por isso, essa pesquisa reconhece a significativa importância da tomada de consciência nas composições lispectorianas e a dialogicidade entre Literatura e Psicanálise, sendo essa última, um suporte que busca investigar as suscetíveis mudanças que acarretaram em um estado de vários traços melancólicos da autora, entre eles, a culpa, estranheza, indiferença com a vida, depressão e desesperança. Essas desqualificações fizeram da escritora um ser dependente das aprovações e do amor do outro. Nesse sentido, provoca no leitor inquietações e incertezas, fazendo com que sofra um processo contínuo de reflexão e entenda os vários aspectos da subjetividade, dessa forma, busca-se compreender as oscilações sobre a identidade

de Clarice por se sentir deslocada, e quais os possíveis fatores determinantes para ela autoidentificar-se com um ser não concretizado.

Esta monografia analisa as tessituras inquietantes da autora, em dois gêneros distintos: a carta de naturalização e sua crônica *Pertencer*. A escolha deve-se ao fato de tais textos apresentarem fatos biográficos e por meio da sua linguagem conquistar a empatia do leitor, chamando atenção por narrar o ser humano como sujeito que emana sensibilidade. Esse desencadeamento de sensações mostra uma figura incógnita, mas que aparece com constância em sua escrita altamente sugestiva, constrói personagens e desconstrói sua identidade, para que assim permaneça no silêncio de sua reclusão, permitindo deixar-se subentendida, e essa condição enigmática faz uma relação dinâmica com quem está lendo e tenta compreender os múltiplos sentidos decorrente da palavra.

A captura da transmissão desses elementos narrativos são concebíveis em decorrência dos estudos de autores que ofertaram seus conhecimentos a respeito de Clarice e dispuseram-se a explorá-la minuciosamente, servindo como base teórica deste projeto, entre eles estão: Gotlib (2009), Moraes (2011), Candido (1977), Sá (1979), Nunes (1976), Borelli (1981), Coelho (1974), Montero (2002), Carneiro (1988), Moser (2009), Bakhtin (1992), Horkheimer (1990), Candau (2012), Nolasco (2004), entre outros que contribuíram para a sustentação desse trabalho e que repercutiram a voz da própria autora, com a insistência de consumi-la e não permitir que esta se calasse com sua morte, mas que fosse reconhecida por trazer íntimas convulsões do ser humano e deixar todos à flor da pele.

Em relação à estrutura aqui apresentada, adotou-se como metodologia, a pesquisa bibliográfica, houve o levantamento de trabalhos teóricos que dispuseram-se a estudar Clarice e suas respectivas produções literárias, possibilitando o acesso à informações importantes, então essa investigação foi “[...] elaborada a partir de material já publicado, constituído principalmente de: livros, revistas, publicações em periódicos e artigos científicos, jornais, boletins, monografias, dissertações, teses, material cartográfico, internet, com o objetivo de colocar o pesquisador em contato direto com todo material já escrito sobre o assunto da pesquisa”. (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 54).

Esta monografia divide-se em quatro capítulos, o segundo chamado *Cortesia a Clarice: uma travessia pessoal*, desdobra-se a entender o cerne das suas experiências pessoais e sua reação no intervalo entre a vida e a morte. Ainda falando desse capítulo inicial, houve também a exigência de mostrar as vozes e os diversos comportamentos de críticos literários a respeito de suas obras, subintitulado, *Um olhar crítico*.

No terceiro capítulo, nomeado de *Diálogos com a psicanálise: as crônicas claricianas e seu universo psíquico*", trará a relação das concepções psicanalíticas com a literatura, e o último capítulo, *Entre cartas e crônicas: o tema da desterritorialização*, com subtema, *Tributos ao Brasil: o direito de ser brasileira*, que revela a gratidão de Clarice por ter sido acolhida no Brasil, e essa ligação afetiva lhe faz implorar a Vargas o direito de ser uma cidadã brasileira. Mais adiante, encontra-se *A Crônica Pertencer e o sentimento de deslocamento*, o coração e o objetivo deste trabalho, analisar a crônica, *Pertencer*, e explicitar a crise existencial da autora, e sua constante busca por algo que lhe traga a liberdade de não depender da aprovação do outro para existir.

2 CORTESIA A CLARICE LISPECTOR

2.1 Uma travessia pessoal

Escrever sobre Clarice é um desafio e uma entrega total de si, é preciso olhar com cuidado e percorrer um território farto de composições literárias que nos tiram da nossa zona de conforto, e nos remete a olhar o ser humano sob outra perspectiva. Clarice, revela-se através da sua escrita, e ao mesmo tempo em que é oculta pelo seu próprio mistério, a sensibilidade é demonstrada por meio de seus personagens e as suas palavras estão carregadas de alma, que exprimem inquietações e aflições. Para compreendê-la, é necessário um olhar para sua vivência, pois se aproxima profundamente dos textos que escreveu, há, portanto, um resgate das suas memórias que se transformaram em literatura.

No decorrer de sua produção, Clarice traz reflexos de sua vida nas obras e dificilmente seria possível dar continuidade a este trabalho sem mergulharmos na significância de sua existência. Embora não se saiba com precisão, a data que nasceu, estima-se que seja no dia 10 de dezembro de 1920, em terras estrangeiras, a filha mais nova de Marieta Lispector e Pedro, e tendo como irmãs Elisa e Tânia, respectivamente, sendo eles de origem ucraniana, de acordo com Nádia Gotlib:

Haia. Segundo consta na certidão de nascimento original expedida em Tchetchélnik, na Ucrânia, e no passaporte coletivo da família expedido em Bucareste, na Romênia, a menina chama-se Haia, que em hebraico quer dizer “vida”, e que, devido a semelhanças fonéticas com Clara, suscitou a versão em português do nome da menina: Clarice. (GOTLIB, 2009, p. 37).

Ao que concerne às suas origens, o nome Haia, já traz uma simbologia do que Clarice representava para família, pois ainda no útero, foi destinada a uma função, a de salvar sua mãe de uma terrível doença que a paralisava progressivamente, e essa responsabilidade atribuída a criança, baseava-se em um ritual judeu, que acreditavam no poder apaziguador de uma gravidez, caso a gestante estivesse sofrendo de algum padecimento. No entanto, o nascimento não coincidiu com a esperança dos familiares, Clarice foi concebida, e isso não fez com que a saúde de sua mãe fosse restabelecida, e essa frustração, seria uma nódoa na sua vida:

[...] fui preparada para ser dada à luz de um modo tão bonito. Minha mãe já estava doente, e, por uma superstição bastante espalhada, acreditava-se que tem um filho curava uma mulher de uma doença. Então foi deliberadamente criada: com amor e esperança. Só que não curei minha mãe. E sinto até hoje essa carga de culpa: fizeram-me

para uma missão determinada e eu falhei. [...] sei que meus pais me perdoaram eu ter nascido em vão e tê-los traído na grande esperança. Mas eu, eu não me perdoo. Queria que simplesmente se tivesse feito um milagre: eu nascer e curar minha mãe. Então, sim: eu teria pertencido a meu pai e a minha mãe. (LISPECTOR, 1999, p.111).

Desse modo, a sua primeira experiência de vida manifesta-se em formato de culpa, que irá acompanhá-la de forma vitalícia, e essa inconformidade com o passado influenciará constantemente na exteriorização das suas emoções. Ainda criança, sentia a necessidade de criar, contar histórias e encenar peças teatrais para a mãe, eram tentativas de amenizar o remorso que sentia, e Clarice relata esse estágio da sua própria vida no conto, *Restos do Carnaval*:

Nesse conto, a escritora narra um determinado acontecimento de seus oito anos, descrevendo o que sentiu na ocasião e o que ficou registrado em sua memória, tomando como ponto de partida seu eixo familiar e os acontecimentos que o circundavam. Também deixa transparecer um pouco de sua personalidade quando criança. A figura da mãe doente é muito forte para a menina que ansiava aproveitar o momento carnavalesco, demonstrando assim um misto de alegria e remorso [...]. (MORAES, 2011, p.191).

Esse fato desencadeia em Lispector sua nuance mais triste, e por diversas vezes retrata a infância de forma delicada, como se sentisse o desejo de pular essa fase e tornar-se uma versão adulta de si, assim, procurava alternativas para amenizar a aflição, estado que deveria ser desconhecido para uma criança, que é naturalmente caracterizada pela alegria, mas cresceu à sombra de ver sua mãe partir tão cedo.

Pode-se perceber, que o início de sua vida não foi fácil, porém precisava continuar, dedicou-se aos estudos e conheceu na sala de aula da faculdade, seu futuro marido, Maury Gurgel Valente, que viria a ser diplomata e pai de Pedro e Paulo, e que levaria Clarice para conhecer e residir em diversos países incluindo, Itália Suíça e Estados Unidos. Enquanto esteve fora, adoeceu da alma, pois não se reconhecia naqueles lugares, se sentindo deslocada e tinha a sensação de estar nas terras dos outros e vivendo em prol da aristocracia, posição que lhe entediava profundamente, e período de intensa correspondência com amigos e suas irmãs que estavam no Brasil.

Para atenuar esses sentimentos, escrevia incessantemente, embora algumas vezes tenha sido impedida por um bloqueio intelectual, e quando não conseguia tal feito, ia para um hospital em Nápoles, Itália, ajudar as enfermeiras como voluntária a amparar os soldados feridos em decorrência da Guerra, queria sentir-se útil de qualquer modo, esse estado de impotência lhe gerava sérios

problemas psicológicos, a solidão e a saudade do seu país caloroso, foram efeitos fulminantes que lhe desencadeou uma enorme tristeza, caiu em depressão.

No espaço de quinze anos, escreve vários livros, após sua obra prima, *Perto do Coração Selvagem* (1943), dando destaque para *O Lustre* (1946), obra de penumbra carregada de símbolos, medos, perversidade e incesto, e *Cidade Sitiada* (1949), que fala do desejo da personagem em libertar-se da atual situação que se encontrava, deixando evidente a verossimilhança com sua vida em Berna.

De acordo com Nádia Batella Gotlib (1995), em junho de 1959, Clarice e Maury têm uma grave crise matrimonial e rompem, ela enfim decide voltar para o Brasil com seus filhos, e passa a escrever de forma mais intensa para jornais, com o propósito de ser remunerada e ajudar a manter-se financeiramente, no *Jornal da Tarde*, fez o seguinte comentário: “ *Se não se tem dinheiro para comer, de nada adiantam o amor e a amizade. Por outro lado, se a gente tem dinheiro e não tem os outros ingredientes, a vida é vazia, uma fossa constante*”. (LISPECTOR apud GOTLIB, 1995, p. 317) “. Todavia, seu estado mais crítico, enquanto escritora, foi em virtude de um incêndio causado por um cigarro, que acarretou na perda parcial da sua mão direita, deixando-a debilitada e agravando o estado de depressão, interferindo em atividades aparentemente simples do cotidiano, como escrever.

[...] houve o incêndio no meu quarto que me atingiu tão gravemente que fiquei alguns dias entre a vida e a morte. Meu quarto foi inteiramente queimado: o estuque das paredes e do teto caiu, os móveis foram reduzidos a pó, e os livros também. Não tento sequer explicar o que aconteceu: tudo se queimou, mas o missal ficou intacto, apenas com um leve chamuscado na capa. (LISPECTOR, 1999, p. 159).

Apesar de tantas dificuldades, Clarice não deixou de expressar seus sentimentos por meio da linguagem, continuou a dar sua contribuição para a literatura brasileira mesmo depois de tantas limitações, é o que a fazia sentir-se viva, era sua forma de existir e a assiduidade nas suas produções continuavam, mesmo não sendo por suas próprias mãos.

O sofrimento já lhe era uma companhia antiga, um hóspede, não incomodava mais, sabia o que queria, moldava suas emoções e as transformava em um personagem, queria encontrar-se, e para isso, tinha que olhar de dentro para fora, sua vida era ponto de partida dos maiores expoentes literários que o Brasil já teve. Clarice não transcrevia finais felizes, no mundo não existia espaço para esses seres,

lhes restando a catarse de voltar-se para si, a consciência deles era importante demais para encontrar sentido suficiente em desfechos triviais, a essência ficava em primeiro plano.

2.2 Um olhar crítico

Clarice Lispector ganhou notoriedade nacional quando o Brasil apresentava um certo conformismo estilístico e os autores permaneciam com a mesma linha de pensamento para não manchar a sua reputação intelectual, pois pensar além disso, seria uma ameaça à sua profissão. Clarice, porém, não se mantém intimidada e com a sua audácia, estreou seu panorama literário com o romance, *Perto do Coração Selvagem*, obra escrita em 1942 e publicada em 1943. Com isso, a autora se torna alvo de críticas que se desdobram em aclamações e acidez. Sua escrita intimista seduz alguns críticos literários, e um deles é Antônio Cândido, que afirma:

[...] mesmo na craveira ordinária do talento, há quem procure uma via acentuadamente sua, preferindo o risco da aposta à comodidade do ramerrão. É o caso de Clarice Lispector, que nos deu um romance de tom mais ou menos raro em nossa literatura moderna, já qualificada de “ingenuamente naturalista” por um crítico de valor, em frase que me parece exagerada. Pode-se-ia dizer com mais justeza que os escritores brasileiros se contentam em geral com processos já usados, e que apenas um ou outro se arrisca a tentativas mais ousadas. (CANDIDO, 1977, p. 127).

A artista fascinou logo na sua primeira publicação, por se tratar de uma obra inovadora no que tange à literatura brasileira, por não prender-se aos padrões até então fatigantes do modismo modernista, e não deixou que uma teoria estética lhe classificasse, sendo reconhecida pela sua originalidade e linguagem poética. Os críticos despertaram o interesse em sua obra, e começaram a expressar suas opiniões a respeito dela, e são para esses discursos que concentraremos a nossa atenção.

A primeira avaliação a respeito do romance, *Perto do Coração Selvagem* (1943), sai em uma coluna do jornal, “O Diário Crítico”, de Sérgio Milliet, que conforme Sá (1979), a obra à primeira vista não foi bem recebida pelo crítico, que afirmou:

Diante daquele nome estranho e até desagradável, pseudônimo sem dúvida, eu pensei: mais uma dessas mocinhas que principiam ‘cheias de qualidade’, que a gente pode até elogiar de viva voz, mas que morreriam de ataque diante de uma crítica séria. (MILLIET apud SÁ, 1979, p. 27).

De acordo com Sá (1979), o crítico não pretendia terminar a leitura do livro, porém, continuou de forma casual e diante de uma parte, houve o impacto de

um vislumbamento, compreendeu a intencionalidade da autora e a partir disso, adjetivou-a de “sóbria e penetrante”. A sequência da leitura fluíu facilmente, pois a não linearidade, os atalhos da mente, os flashes de consciência, e o cunho filosófico tornou a obra ainda mais instigante.

Em contrapartida, nem todos os críticos tiveram esse mesmo despertar da consciência profissional repentinamente, ou qualificaram o romance de forma positiva. Álvaro Lins, renomado arguidor nacional, tem outra perspectiva em relação a escrita da autora e publica um artigo cujo nome é, “*A experiência incompleta: Clarisse Lispector*”, em fevereiro de 1944, classifica a obra de literatura feminina e ficção. No entanto, depois de categorizar como ficcional, afirma que não possui elementos suficientes para tal e responsabiliza essa “fissura estética”, pela inexperiência decorrente da precoce inserção da autora no meio literário. O crítico percebe a originalidade, mas não a vê como ousadia, avaliação comum dos estudiosos que já estavam habituados como determinado padrão, e repreendiam autores que não queriam continuar percorrendo caminhos para conquistar posições já adquiridas. Álvaro Lins afirma que a obra de Clarice é uma “realidade fantasiada”:

Não tenho receio de afirmar, todavia, que o livro da senhora Clarisse Lispector é a primeira experiência definida que se faz no Brasil do moderno romance lírico, do romance que se acha dentro da tradição de Joyce ou de Virgínia Woolf. Apesar da epígrafe de Joyce que dá título ao livro, é de Virgínia Woolf que mais se aproxima a Sra. Clarisse Lispector, o que talvez possa assim explicar: o dominador comum da técnica de Joyce quando aproveitado pelo temperamento feminino[...] A realidade não fica escondida ou sufocada, porém levada aos seus planos mais profundos, mas originais, nas fronteiras entre o que existiu de fato e o que existiu pela imaginação. (LINS apud SÁ, 1979, p. 33).

Em uma carta destinada as irmãs, Clarice alega que ficou desolada com o posicionamento de Álvaro Lins, e resolve escrever para seu amigo e crítico literário, Lúcio Cardoso, relatando a sua amargura diante dessa questão:

Imagine que depois que li o artigo de Álvaro Lins, muito surpreendida, porque esperava que ele dissesse coisas piores, escrevi uma carta para ele, afinal uma carta boba, dizendo que não tinha “adotado” Joyce ou Virginia Woolf, que na verdade lera a ambos depois de estar com livro pronto. Você se lembra que eu dei o livro datilografado (já pela terceira vez) para você e disse que estava lendo o *Portrait of the artist* e que encontrara uma frase bonita? Foi você quem me sugeriu o título. Mas a verdade é que senti vontade de escrever a carta por causa de uma impressão de insatisfação que tenho depois de ler certas críticas, não é a insatisfação por elogios, mas é um certo

desgosto e desencanto - catalogado e arquivado. (LISPECTOR, 2002, p. 43-4).

Lúcio foi o primeiro a ler seu romance, quando o fez, ainda não estava intitulado, analisou-o e percebeu a essência e a singularidade da escritora, pelo carinho e admiração a Clarice, a defendia das severas críticas, ressaltando a poesia que o livro trazia, cada vez mais sua obra se tornava conhecida e o público era atraído devido a linguagem magistral e o caráter subjetivo, e que posteriormente incitaria diligência para estudo de outras áreas de conhecimento, como a psicanálise.

A vasta produção lispectoriana engloba, *Perto do Coração Selvagem* (1943), *O Lustre* (1946), *A Cidade Sitiada* (1949), *Laços de Família* (1960), *A Maçã no Escuro* (1961), *A Legião Estrangeira* (1964), *A Paixão Segundo G.H.* (1964), *Uma Aprendizagem ou livros dos Prazeres* (1969), *A Hora da Estrela* (1977) entre outros, além de crônicas, contos e livros infantis.

Aos olhos atentos e contemporâneos de Benedito Nunes, a linguagem, em Clarice, ultrapassa a expressão verbal. O crítico volta-se à apreciação de seus textos, estuda teorias que possam iluminar a compreensão e elabora alguns ensaios sobre a autora e seus registros literários, esse jogo de expressões é o que faz sua escrita tão envolvente:

Em *A paixão segundo G.H.* que Clarice Lispector leva ao extremo o jogo de linguagem iniciado em *Perto do Coração Selvagem*, e já plenamente desenvolvido em *A Maçã no escuro*. Não empregamos aqui a palavra jogo, e a expressão jogo de linguagem no sentido comum, em geral depreciativo, que é o que prevalece quando nos referimos a "jogo de palavras", "jogo verbal", etc. A literatura, de um modo especial a poesia, comportam uma qualificação lúdica. São atividades criadoras desinteressadas, cujos produtos gozam de existência estética, aparente, dentro do mundo imaginário projetado na expressão verbal. (NUNES, 1976, p. 129).

Sua linguagem sugere constantemente a procura de algo, a busca de sentido, a autora sempre deixa lacunas para o leitor, ela quer que ele se envolva com o personagem e se veja espelhado, oferece um viés de perplexidade, suas nuances estão voltadas para a compreensão dos aspectos interiores, na tentativa de conciliar matéria e espírito, retratando fenômenos existenciais da natureza humana, a literata, transforma um acontecimento banal em um resgate vital do pensamento, abordando temas de caráter universal e atemporal:

Na verdade, nenhum autor a influenciou. Sua linguagem era fruto de uma experiência direta dela consigo própria e como o mundo, sem intermediação disso que se chama – enquanto sistema organizado

de textos de uma determinada cultura – de ‘Literatura’. Escrever era experimentar – assim como um cientista experimenta, testa, comprova ou refuta suas hipóteses quando as submete ao rigor de seu método sua teoria. Nela, a matéria a pesquisar eram os sentimentos, as sensações, as intuições provocadas pelo simples fluir da vida. Seu único método: manter-se perplexa, em ‘estado de pergunta’, no oco da vida. (BORELLI, 1981, p. 67).

Olga Borelli, amiga e assistente de Clarice, esclarece que só é possível entendê-la a partir da leitura, ela é uma incógnita para quem não busca seu íntimo, sua escrita era o meio de fuga da realidade, a expressão de sentimentos era seu método e maior referência que detinha, a linguagem fluía conforme experimentasse as sensações que eram carregadas de cicatrizes.

Ao expor essa carga maciça da solidão, mergulha nas profundezas das sua intimidade e registra os impulsos da vida, havia a necessidade de revelar o que lhe corroía por dentro, a palavra clariciana fala diretamente com outra alma, e é para esse universo íntimo que olharemos no capítulo a seguir.

3 DIÁLOGOS COM A PSICANÁLISE

3.1 As crônicas claricianas e seu universo psíquico

“As palavras é que me impedem de dizer a verdade. Simplesmente não há palavras. O que não sei dizer é mais importante do que o que eu digo. [...] Sempre quis atingir através da palavra alguma coisa que fosse ao mesmo tempo sem moeda e que fosse e transmitisse tranqüilidade ou simplesmente a verdade mais profunda existente no ser humano e nas coisas. Cada vez mais eu escrevo com menos palavras. Meu livro melhor acontecerá quando eu de todo não escrever. Eu tenho uma falta de assunto essencial”. (LISPECTOR apud BORELLI, 1981, p. 84-85).

O acervo lispectoriano é evidentemente diversificado, percebe-se traços múltiplos que marcam seu estilo. Dentro desses contornos próprios, é desencadeado uma sucessão de emoções que advém do vazio, do excesso, do entendimento, da incompreensão, da lucidez, da anulação de si, ou seja, são conflitos de sentimentos que constantemente trazem questionamentos, e essas perguntas nem sempre possuem respostas. É necessária essa travessia existencial para a autora, pois leva-a a buscar significações para esse vasto campo de sensações, fazendo com que ela tente entender a si mesma, e assim, para que os leitores também consigam desfrutar desse entendimento, por se tratar de uma complexa esfera sensível, que é a linguagem clariciana.

Esse olhar afetivo para o universo psíquico, faz com que Clarice tenha aproximações com as concepções psicanalíticas, e esse viés aparece em seus romances, contos e principalmente em suas crônicas, onde ela possui maior liberdade de transitar no seu íntimo e revelar impulsos e experiências, trazendo à tona fragmentos de si, e independente de qual fosse o tema a ser abordado, terminaria voltado para suas vivências, é o que explica a própria autora:

É que escrevo ao correr da máquina e, quando vejo, revelei certa parte minha. Acho que se escrever sobre o problema da superprodução do café no Brasil terminarei sendo pessoal. Daqui em breve serei popular? Isso me assusta. Vou ver o que posso fazer, se é que posso. O que me consola é a frase de Fernando Pessoa, que li citada: “Falar é o modo mais simples de nos tornarmos desconhecidos”. (LISPECTOR, 1999: 136-137).

Com isso, é possível dizer que sua vida e escrita são fortemente relacionadas, uma vez que uma recorre a outra frequentemente.

[...] extremamente esclarecedora para aqueles que se dispõem a decifrar seus textos literários e foi fundamental para a organização e elaboração das várias biografias da escritora existentes. Transcrita e publicada no livro *Correspondências – Clarice Lispector* (LISPECTOR, 2002), facilita a pesquisa e amplia o prazer daqueles que buscam conhecer um pouco mais sobre essa mulher que escreveu sobre as inquietações de sua época, suas descobertas e, assim, descortinou um mundo desconhecido. Como em um teatro em que os elementos vão sendo revelados, [...], Clarice vai revelando sua própria história contando e se contando, em seus textos literários e nas correspondências. (GOMES, 2007, p. 17).

A escrita de Clarice revela muito de si, a sua história e suas obras estão inteiramente ligadas, o que perpassa às suas palavras, de algum modo já foi sentido por ela ou observado no outro. Cada personagem, espaço e sensações são partes exteriorizadas de um sentimento que já compartilhou, suas crônicas e cartas desnudam seu *eu*.

Seu início como cronista ocorreu em 1967, quando foi chamada para escrever ao *Jornal do Brasil*, em uma coluna que seria publicada semanalmente, aos sábados, com esse convite, a autora teria autonomia de escolher o tema de seu interesse e abrangeria o número de leitores, sendo assim, resolveu descartar seus pseudônimos, Helen Palmer, Ilca Soares e Tereza Quadros, anteriormente utilizados nos periódicos femininos, e passou a assinar seu próprio nome.

Ao ocupar a posição de cronista, Clarice sentia-se insegura em relação à estrutura do gênero, e não considerava seus textos propriamente crônicas, sempre distanciando-se da definição de intelectual, conforme afirma em seu texto, “*Ser cronista*”:

Sei que não sou [cronista], mas tenho meditado ligeiramente no assunto. Crônica é um relato? É uma conversa? É o resumo de um estado de espírito? [...]. Quando combinei com o jornal escrever aqui aos sábados, logo em seguida morri de medo. Um amigo que tem voz forte, convincente e carinhosa, praticamente intimou-me a não ter medo. Disse: escreva qualquer coisa que lhe passe pela cabeça, mesmo tolice, porque coisas sérias você já escreveu”. Basta eu saber que estou escrevendo para o jornal, isto é, para algo aberto facilmente por todo mundo, e não para um livro, que só é aberto por quem realmente quer, para que, sem mesmo sentir, o modo de escrever se transforme. Não é que me desagrade mudar, pelo contrário. Mas queria que fossem mudanças mais profundas e interiores que então viessem a se refletir no escrever. Mas mudar só porque, isto é, uma coluna ou uma crônica? Ser mais leve só porque o leitor assim o quer? Divertir? Fazer passar uns minutos de leitura? E outra coisa: nos meus livros quero profundamente a comunicação profunda comigo e com leitor. Aqui no jornal apenas falo com leitor e agrada-me que ele fique agradado. Vou dizer a verdade: não estou contente. E acho mesmo que vou ter uma conversa com Rubem Braga porque sozinha não consegui entender. (LISPECTOR, 1999, p. 112-113).

E além disso, Clarice se mostrava franca ao afirmar que escreveria por necessidades financeiras, não tendo pudor em admitir:

Ainda continuo um pouco sem jeito na minha nova função daquilo que não se pode chamar propriamente de crônica. E, além de ser neófito no assunto, também o sou em matéria de escrever para ganhar dinheiro. Já trabalhei na imprensa como profissional, sem assinar. Assinando, porém, fico automaticamente mais pessoal. E sinto-me um pouco como se estivesse vendendo minha alma. Falei isso com um amigo que me respondeu: mas escrever é um pouco vender a alma. É verdade. Mesmo quando não é por dinheiro, a gente se expõe muito. Embora uma amiga médica tenha discordado: argumentou que na sua profissão dá sua alma toda, e, no entanto, cobra dinheiro porque também precisa viver. Vendo, pois, para vocês com o maior prazer uma certa parte da minha alma – a parte da conversa de sábado. (LISPECTOR, 1999, p. 29).

Fugindo da estrutura habitual, a narrativa que seria construída a partir de acontecimentos recentes da sociedade, ganha uma nova estratégia, por conta da liberdade criadora, nas mãos de Clarice, o gênero se torna propenso a prática da escrita de si, registrando sua intimidade, onde a autora não hesita em escancarar as portas do seu cotidiano, e a coluna adquire um valor de diário pessoal, em que ela se desvencilha da imparcialidade decorrente do jornalismo e promove o vínculo com quem ler, comportando-se como criadora/narradora/personagem, diante do público, com sua “autoficção”, transformando situações comuns em discursos sobre a complexidade humana, cujo o intuito é fazer com quem irá ler, sentir-se moldado e deleitado com a ligação do texto/autor e leitor, sem deixar de ser literatura, pois ela tem um conhecimento, mesmo que parcial do contexto da crônica e do poder da linguagem:

Mas esse lado artístico exige um conhecimento técnico, o manejo adequado da linguagem, uma inspiração sempre ligada ao domínio das leis específicas de um gênero que precisa manter sua aparência de leveza sem perder a dignidade literária. (SÁ, 1985, p. 22).

E ainda:

Amoldá-la à obra literária até a literariedade tem sido o desempenho de expressivos cronistas brasileiros que entrelaçam o fazer jornalístico com o lirismo, a linguagem coloquial com a palavra poética. (MARTINS, 1977, p. 10).

Nesse sentido, a natureza inquieta de Clarice nega padrões vigentes e estabelece relações com um leitor real, que com o decorrer de suas publicações, sentia-se instigado a ter um encontro semanal com a autora, e com isso, o público

torna-se sujeito ativo, diferente de como era com os romances, pelo fato de ser um meio de comunicação de massa que era mais acessível do que um livro, e a atividade da autora no *Jornal do Brasil*, foi tão libertária que começou a publicar suas composições anteriormente escritas, fazendo com que o termo *crônica* distanciasse ainda mais de seus textos, pois não categoriza-se precisamente neste gênero, e dispunha de uma livre demanda, o que interessava era a expressão de seus suspiros e pensamentos, e a receptividade do público, e essa metamorfose da escrita, que antes nos contos e romances, eram consideradas difíceis, passou a ser despretensiosa, leve, transparecendo o outro lado de Clarice.

Se nos contos e nos romances o mistério de uma escrita envolve o leitor num processo quase que iniciático, nas crônicas este mistério vai aos poucos sendo desvendado, revelando o mundo pessoal e subjetivo dessa autora enigmática que se dirige ao leitor informalmente, livre do compromisso de conduzi-lo ao espaço do sonho e da fantasia. (PAIXÃO, 1991, p. 112).

Na escrita desses textos, que mais pareciam uma conversa, a autora estabelecia um vínculo com público e reforçava essa ligação por meio da sua “sinceridade”, as confissões de sua existência até então apagadas, ganhavam forma e dispersava-se nas casas, praças, comércios, ou seja, era uma leitura sucinta que propiciava a possibilidade de ser feita em qualquer lugar, e se ajustava a vida moderna, que tinha um impulso de ser fugaz e instantânea.

Nesse contexto, é interessante mostrar Clarice ainda mais próxima do leitor e de si, considerando os seus textos “menores”, assim chamados por lhe conferirem menor complexidade e por ser um texto narrativo leve que não tem tanto compromisso como um romance, a crônica é uma leitura rápida e traz um relato de um acontecimento que pode ser trivial e esse gênero era para muitos escritores uma ótima opção para expressar suas concepções, a partir disso, é usada para aflorar as substâncias presentes no espírito da autora, tornando-a mais transparente.

Sei que o que escrevo aqui não se pode chamar de crônica nem de coluna nem de artigo. Mas sei que hoje é um grito. Um grito! De cansaço. Estou cansada! [...] O que farei de mim? Quase nada. Não vou escrever mais livros. Porque se escrevesse diria minhas verdades tão duras que seriam difíceis de serem suportadas por mim e pelos outros. Há um limite de ser. Já cheguei a esse limite. (LISPECTOR, 1999, p. 81-82).

O valor desse gênero, foi ganhando notoriedade a medida em que a crítica literária volta-se para ele, dessa forma, a crônica é um espaço que traz tanto a ficção,

quanto uma possível realidade recordada, esse lugar lhe permite ser pessoal e também cabia uma narrativa imaginária, nele falava da infância, da adolescência e das questões do ser, ali tinha a possibilidade de convocar a descoberta de uma pessoa, sua autonomia praticada na escrita é tão grande que ela começa com várias questões e termina incluindo outras, sem sanar com as dúvidas anteriores, a linguagem então é cíclica, não há uma conclusão definida, pois não limita-se à forma das coisas ou de trazer um desfecho para situações, não cabe em suas palavras o superficial, e essa visão minuciosa é que levanta a trama e conquista diversos olhares que se dispõe a explorar os mais subterrâneos campos da existência.

A partir disso, Clarice adquire maior notabilidade, pois buscam neste espaço de leitura um entretenimento que informa, causa reflexão com sua força poética, e anima, simultaneamente relaciona o leitor com casos narrados, dando a capacidade de torná-lo um participante efetivo de cada texto, e até afirmava trocar correspondência com eles, e é essa autonomia que confere a autora destaque dentro do jornal e exterioriza a sua liberdade máxima de comunicação, requisitos logrados da sua experiência como literata e jornalista:

Um indivíduo ao qual é permitido o leva - e traz entre literatura e jornalismo. Nesse trajeto, se se mantiver dentro dos limites éticos, ele pode expor opiniões diferentes e até antagônicas às do veículo para o qual escreve. Nesse caso, ele se transforma num monumento vivo à liberdade de expressão. E assim, até numa poderosa peça de marketing: poucas coisas conferem mais prestígio à imprensa democrática do que manter um elenco variado e respeitado de colunistas, gente que assume a primeira pessoa do singular para poder falar mais de perto ao leitor. (DAPIEVE, 2002, p. 100).

A autora torna-se acessível aos mais diversos perfis, os textos publicados na coluna do *Jornal do Brasil*, se configurou um lugar de diálogo com seu leitor, o compartilhamento de sua rotina em gotas, repercutia, dessa forma, induziu um certo interesse em quem tentasse entender o cerne de sua existência. No exercício de escrever ela não se comunicava literalmente, e não possuía ou cobrava uma interpretação estática, o público seria seu receptor, revelaria sentimentos experimentados na infância e nas demais fases da vida, mas o êxtase em escrever pertencia a sua ânsia de autoconhecer-se, era uma necessidade, partilhava temas cruciais para alimentar sua alma aflita, então escrever ia muito além da sedução das palavras, servia de isca para especulação do âmago das coisas e dos seres, e essa aventura epifânica intimaria o leitor para um encontro com as páginas do jornal.

Tratando de vários assuntos, 'ao correr das palavras', focalizando temas escolhidos no dia-a-dia, surpreendendo no "outro", ser humano ou bicho, ou na paisagem, seus motivos para a conversa habitual com os leitores - Clarice Lispector fala sempre de si própria[...] Sucedem que a inflexão, a tonalidade, é tão sui generis que levanta dúvidas acerca do caráter cronístico destes textos. Clarice Lispector fala de si como se continuasse a criar ficção, expõe-se na vitrina do jornal como se palmilhasse mundos imaginários: "crônicas de uma ficcionista, antes de tudo, e de uma ficcionista centrada no "eu". (MOISÉS, 1989, p. 453).

Essa necessidade de expor um universo particular, percorre um caminho de sensações, mantendo a atenção nas profundezas da mente humana e isso se deve às referências existencialistas que carregava, a partir de suas próprias dores, obrigando-a a vasculhar nas entranhas do seu ser e revelar um novo espaço construído sobre as ruínas das suas experiências, onde procura a ressignificação e a busca incessante de pertencer a algo, e a escrita é o meio que possibilitou o apaziguamento e a exteriorização dessa inquietação interior. Ela afirma: " [...] e nasci para escrever. A palavra é meu domínio sobre o mundo". (LISPECTOR, 1968, p. 2).

Mas, o que esperar de uma literatura marcada por incógnitas, lutas, perdas e conquistas? Visto que, o domínio da linguagem dá o poder de criar e recriar textos, é significativo o questionamento de onde começa e encerra a vida pessoal de Clarice em seus textos? Não há respostas específicas, o mistério está nela, a autora faz constantemente uma troca simultânea de personalidades, aborda momentos compatíveis com sua vida pessoal, porém, não afirma que tudo é relacionado com sua vida real, sua alma se torna impenetrável, quando assim o quer.

O implícito da sua escrita tem que ser garimpado até se apresentar, Clarice tece a palavra, articula-as e lança ao público, que tenta diagnosticar o significado do indizível, do que ela sente, esse silêncio dentro das suas composições literárias é gritante, causa estranhamento e são traços peculiares de si.

Clarice aspira ao silêncio e ao mesmo tempo em que ver na escrita a única possibilidade de vida. Temos uma escrita que anseia pelo seu fim, pelo silêncio. Ora fiel à sua aspiração, a escrita de Clarice persegue o silêncio que habita nas palavras, busca não abafá-lo, sabendo, contudo, da impossibilidade de seu voto. (MARCOS, 2015, p. 92).

O silêncio faz-se necessário à autora, pois é um momento de catarse, onde ela purifica-se da posição de muitas vezes ficar à sombra de seus personagens, e esse esvaziar-se é necessário, por conferir espaço na alma, e para plagiar seus próprios sentimentos e expressá-los por meio de outra criatura advinda do seu

pensamento, o silêncio traz um acúmulo significativo, que se transformará em voz para a alma.

Assim, a Literatura e a psicanálise andam de mãos dadas, uma vez que o autor no seu ato criador, pode narrar acontecimentos externos a ele, mas o que vem a transmitir revela características próprias de uma consciência que está carregada de subjetividade e por isso é instrumento das suas ideologias, o que escreve serve de bússola para entender seus próprios sentimentos. Sob essa ótica, Foucault aponta:

Tanto a ternura mais desarmada quanto os mais sangrentos poderes têm a necessidade de confissões. O homem, no Ocidente, tornou-se um animal confidente. Daí, sem dúvida, a metamorfose na literatura: de um prazer de contar e ouvir, dantes centrado na narrativa heroica ou maravilhosa das 'provas' de bravura ou de santidade, passou-se a uma literatura ordenada em função de uma tarefa infinita de buscar, no fundo de si mesmo, entre as palavras, uma verdade que a própria forma de confissão acena como inacessível. (FOUCAULT, 1980, p. 59).

Foucault aborda a necessidade do “falar de si”, e mostrar como a linguagem e a psicanálise interagem, há, portanto, o invisível dentro da narrativa, mas que faz-se presente sugestivamente, o literato revela o conteúdo, e a psicanálise molda os personagens como indivíduos concretos, cheios de questões filosóficas existenciais, vinculando as emoções, interpretações, pensamentos, como integrantes do autor.

Em harmonia com exposto, podemos dizer que Clarice é o núcleo da sua escrita, as construções das narrativas partem da imersão do ser, esse trajeto inverso para o universo íntimo surge a medida em que precisou condicionar-se como humana. O espaço existencial aparece quando adquire consciência de si, ou perpetua uma busca pessoal, tomando-a como foco, seus personagens diferem entre si, mas o fio de ligação entre eles está na própria escritora. É o que afirma Benjamin Moser:

A alma exposta em sua obra é a alma de uma mulher só, mas dentro dela encontramos toda a gama da experiência humana. Eis por que Clarice Lispector já foi descrita como quase tudo: nativa e estrangeira, judia e cristã, bruxa e santa, homem e lésbica, criança e adulta, animal e pessoa, mulher e dona de casa. Por ter descrito tanto de sua experiência íntima, ela podia ser convincentemente tudo para todo mundo, venerada por aqueles que encontrava em seu gênio expressivo um espelho da própria alma. Como ela disse, — eu sou vós mesmos. (MOSER, 2009, p. 17).

Os textos de Clarice são labirintos de ideias e conceitos, para lê-los paga-se um preço, há um tom narrativo que deixam marcas de uma perturbação nos fatos,

sutilmente oculta o que é simbólico para ela e cada pessoa ali exposta, é de certa forma sua externalização.

No momento que Clarice descortina seus infortúnios, oferece-nos a oportunidade de conhecê-la, parcial ou profundamente, mas isso só é possível a partir daquilo que ela deixa transparecer, cria-se um elo com seus textos, e eles trazem um certo fascínio e também apavoramento.

Diante disso, o estranhamento que sucede dessa coletânea literária, acaba por tornar-se familiar, embora sempre seja um desafio olhar abertamente para o espanto que causam, o sentir é traduzido e colocado no papel, e se dissolve em traumas, é um sangrar do autor para seu leitor, o fato de usar sua vulnerabilidade como o procedimento, conduz ao descobrimento por si só, do seu próprio método, que carrega a responsabilidade de identificar a vertigem do homem, e dessa forma, procura sua essência, esse é seu principal discurso.

Para uma maior compreensão desse conflito de si mesmo e do espaço, é relevante falar que essa condição de não sentir-se adequada a um lugar, possivelmente deve-se ao início de vida difícil, o fato de ter nascido na Ucrânia quando seus pais eram perseguidos por milícias russas, chamados *pogroms*, ter atravessado ainda no colo da mãe uma floresta escura e nevada, cruzar o Atlântico para chegar a um país cuja língua os pais não falavam, crescer com a mãe adoentada que não podia lhe dar o mínimo dos cuidados maternos, ser judia nos anos em que crescia o antissemitismo e ter que implorar a Vargas sua naturalização, esses são alguns impasses da sua vida que geraram grandes frustrações, tornando-a um ser carregado de culpas, dessa maneira, para a autora, “ eu era a culpada nata, aquela que nascera com o pecado mortal”. (LISPECTOR, 1999, p.41).

Este sensível retrato que Clarice traz da sua história por meio da escrita, vem de um processo de anulação do eu, tem a ver com a sua rememoração saudosa de uma história familiar carregada de ausências, por isso não sente-se conectada a nada nem ninguém, essa condição de deslocamento mostra uma vida limitada de afetos e isso deixa-a impotente, não conseguia se situar no mundo, o não pertencimento é recorrente em seus textos, tanto nos romances, crônicas, cartas e entrevistas, sua literatura é uma experiência de um vazio existencial, e essa inquietação é o objeto de estudo dessa pesquisa, a partir de interpretações

psicanalíticas, e o rebobinamento da sua travessia pessoal possibilita o acesso a informações valiosas para entender tamanha alma conturbada.

Sendo assim, houve grandes consequências psicológicas derivadas da infância, em relação ao amor materno, esse estágio de vida foi marcado por ausências de referências de identidade, trazendo prejuízos no investimento de si mesmo, como esclarece Maria Lúcia Vieira Violante:

[...] conduz o sujeito a subestimar-se e, conseqüentemente, a pouco estimar o outro, ainda que o idealize e que dele dependa para ter referências de si. Em outras palavras, enquanto o desejo da mãe pelo filho instaura seu narcisismo – o qual, mais tarde, deverá ser relativizado e não extinto; a rejeição materna desqualifica-o impedindo o autoinvestimento no Eu. (VIOLANTE, 1995, p. 12).

Desse modo, podemos compreender que o primeiro déficit identificatório e essencial na constituição do ser, depende de um acolhimento materno na infância, e a ausência dele pode gerar:

[...] traços manifestadamente melancólicos com a baixa autoestima, ao lado de um baixo investimento da libido objetal, assim como em alguns casos, um desinvestimento nas capacidades de pensar e de falar, e no caso das crianças, de brincar e de querer crescer [...] estes sujeitos, ainda que não estejam em crise melancólica, são portadores de uma potencialidade melancólica. (VIOLANTE, 1995, p. 22).

Assim, marcas psíquicas foram consolidadas em Clarice ainda menina, limitando-a em várias instâncias, e fazendo com que ela levasse sempre consigo a sensação de vazio, e isso perdurou toda sua vida, seus traumas de infância a fez transformar-se em um adulto inseguro e cheio de incertezas, questionando-se sempre: quem sou eu? E nessa procura de encontrar uma resposta que lhe conferisse valor, desdobra-se em compor obras cheias de lampejos de lucidez, que fala frequentemente da voraz vontade de experimentar a existência, livre de enclausuramentos da alma, e que suas questões mais íntimas se convergissem em esperança e vontade de viver, longe dessa instabilidade saturada do seu paradeiro no mundo.

Vale ressaltar, que a recorrência para esse lugar pessoal que a autora nos conduz, tocam nas suas próprias experiências de vida, ou seja, uma grande parte de seus textos são autobiográficos, embora Clarice sempre negue, tentando assim preservar sua individualidade, são nítidas várias referências, tanto nos romances, crônicas, e contos, como também em suas entrevistas, a escritora tenta afastar-se de

uma possível retrospectiva de si, mas a relação entre personagens e autor em diversos fragmentos e narrativas vão de encontro com as suas vivências.

Através de muitas facetas de sua obra - em romances, contos, cartas e textos jornalísticos, na esplêndida prosa - uma personalidade única é dissecada sem descanso e revelada no modo fascinante naquela que é talvez a maior autobiografia espiritual do século XX. (MOSER, 2009, p. 16).

O ato de confessar-se constantemente, traz a sugestão de que seja algo do seu estilo, suas produções estão cheias de um certo exame de consciência. Clarice só deixa evidente aquilo que ela quer, mas existem diversas lacunas e até algumas oscilações da autora, que insiste em contestar algumas afirmações óbvias, como por exemplo, a aproximação das suas obras com o existencialismo, a autobiografia nos seus textos que ela nega, assim como omite referências, mesmo suas obras relacionando-se com o estilo de outros autores. Conforme esclarece Edgar César Nolasco:

Copia do outro, mas do que lhe interessa no momento, o que poderia passar com seu. Ou seja, copia seu próprio texto ao copiar o do outro, mesmo com as aspas, 'traduz' o texto como seu, valendo-se do gesto apropriatório inerente à gênese de sua criação, que descentra a autoria e autentica a sua escrita nômade. (NOLASCO, 2004, p.161).

Ela afirma:

"Todos aqueles que fizeram grandes coisas fizeram-nas para sair de uma dificuldade, de um beco sem saída". Traduzo isso do francês, frase encontrada num caderno de notas antigas. Mas, quem escreveu isso? Quando? Não importa, é uma verdade de vida, e muitos poderiam tê-la escrito. (LISPECTOR, 1999, p. 399)

Notamos aqui a resistência de Clarice quando é vinculada com determinado autor, ou uma tentativa de referenciar sua escrita, para ela o que importa notavelmente é o pensamento sensível, não a origem dele, mesmo dialogando com vários escritores.

Clarice convida as pessoas do seu texto para falar de si mesma, dentro de uma autoficção é revelada por olhos alheios, essa visão tende a validar sua própria existência, necessita da consagração de ser memorável para ela, e, dessa forma, testemunha como nasceu e viveu, assim, delineia quem é, mesmo não sendo uma história totalmente fiel à realidade, há portanto, a ficcionalidade dentro desses acontecimentos, a autora resiste ao impulso de escancarar as suas memórias, tornando-se indisponível e simultaneamente o faz, mas mantém velada sua identidade quando dar a vida à escrita.

Por ter sido uma criança, adolescente e adulta que gostava de devorar os livros, entrou em contato com diversas formas e fazeres literários, ela, porém, é única, apesar de reticente a seu respeito, é indiscutível a sua importância, uma vez que, não há como ser conhecedor da literatura brasileira sem citar o seu nome ou desconhecer sua grande fortuna literária.

Nesse percurso existencialista dos seus textos, vários críticos notaram a inclinação para essa esfera íntima, porém, foi Benedito Nunes que mais se dedicou a elaborar a relação da autora com princípios filosóficos, e no decorrer de suas análises, fórmula questões relevantes para iluminação dos seus diálogos sobre a existência, é o que explica suas palavras:

Não se pretende afirmar, com isso, nem que a ficcionista vá buscar as situações típicas de seus personagens na filosofia existencial, nem que as intenções fundamentais de sua prosa só desse conjunto de doutrinas recebe o impulso extra-artístico que a justifica e anima. No entanto, é sempre possível encontrar, na literatura de ficção, [...] uma *concepção- de-mundo*, inerente à obra considerada em si mesma, concepção esta que deriva da atividade criadora da artista, configurando interpretando a realidade. Qualquer que seja a posição filosófica da escritora, o certo é que a concepção-de-mundo de Clarice Lispector tem marcante afinidade com a filosofia da existência. (NUNES, 1973, p. 94).

Essas concepções estavam ligadas ao ideário moderno vigente no contexto universal e correspondia a busca por um novo modelo literário, a própria autora faz suas considerações a respeito disso, quando diz que, “ A literatura deve ter objetos profundos e universalistas; deve fazer refletir e questionar sobre um sentido para a vida, principalmente deve interrogar sobre o destino do homem na vida”, (LISPECTOR, 2004, p. 63).

Sendo assim, a existência é um fator recorrente nas obras, que tenta situar os personagens no mundo e o faz refletir juntamente com seu leitor, sobre o abismo existencial que carrega, é a desconstrução e construção de consciências do indivíduo, que tem o objetivo essencial de formar sua identidade a partir da filtração dos sentimentos, e quando a identidade é questionada, há a necessidade de um olhar interior, e para atingir essa descoberta de si e revelar a verdade que ronda a condição humana, é primordial utilizar essa lupa filosófica que convida a atirar-se na atmosfera psíquica.

Essa doutrina do existencialismo, tem sua centralidade em investigar o homem na forma que se relaciona com o mundo, e a busca constante em se

reinventar, Jean Paul Sartre (1905-1989), um dos mais importantes filósofos desse processo, afirma que, “a existência precede a essência”, essa visão é entendida pelo fato do homem ser responsabilizado por suas ações, e quando passa a existir no mundo, mudará de acordo com suas escolhas, que são mutáveis, visto que, o ser humano não é estático e está em constante transformação, e sua decisão engloba a si e o coletivo:

Mas se realmente a existência precede a essência o homem é responsável pelo que é. Assim, a primeira decorrência do existencialismo é colocar todo o homem em posse daquilo que ele é, e fazer repousar sobre ele a responsabilidade total por sua existência. E quando dizemos que o homem é responsável por si mesmo, não queremos dizer que ele é responsável estritamente por sua individualidade, mas que é responsável por todos os homens. (SARTRE, 2013, p. 26).

Nessas condições, o homem é o sujeito que toma decisões particulares, mas não pode se esquivar da ideia que o outro é afetado por elas, por isso, o fazer literário abre caminhos para a reflexão do que há em sua volta, e também faz veredas para o autoconhecimento, e que o pensar é nosso patrimônio e nos leva a constantes transformações, e no momento que sofremos essas mudanças, é impossível não ouvir nenhum ruído interior no instante que fissuras são abertas em nossa estrutura, pois parte de nós foi removida, e vai se espelhar nos nossos atos e a maneira como lidamos com o outro, esses sentimentos profundos que não possuem nomes, são listados por Clarice, por meio da literatura e não permite que seus personagens os julguem como superficiais.

Desse modo, no próximo capítulo, será abordado as consequências da ausência do outro em Clarice Lispector, e a necessidade de uma referência para autorreconhecer-se, além dos fatos que possivelmente levaram-na a sofrer um sentimento de não pertencimento.

4. ENTRE CARTAS E CRÔNICAS: O TEMA DA DESTERRITORIALIZAÇÃO

4.1 A carta de naturalização e a devoção ao Brasil.

Ao ler os textos de Clarice Lispector, deparamo-nos com uma constante procura, que poderia ser pessoal, advinda do seu contexto familiar ou até mesmo de uma observação universal que lhe afligia, ela está ancorada no seu interior, buscando uma referência para si mesma, tentando identificar seu lugar no mundo, essa é uma marca da sua escrita, tal mal-estar está presente onde quer que vá, é um sentimento de não pertencimento, similar a sensação de não sentir-se a vontade em algum lugar, “Clarice era estrangeira. Não porque nasceu na Ucrânia [...] Clarice era estrangeira na terra”. (GOTLIB, 1995, p. 52). Carregava a sensação de que nada a pertencia.

Essa condição humana se agravou com o distanciamento do Brasil, visto que foi aqui que ela fixou-se desde sua infância, a ligação afetiva com o país revela marcas profundas de uma teia que se entrelaça com seu eixo existencial, e ao adotar a cultura brasileira, ela promove um encontro com suas memórias, a experiência emotiva por um lugar de acolhimento, é expressa em forma de carta, quando solicita a sua naturalização, após atingir a maioridade, para o presidente da república em vigor, Getúlio Vargas, no dia 3 de junho de 1942.

Senhor Presidente Getúlio Vargas:

Quem lhe escreve é uma jornalista, ex-redatora da Agência Nacional (Departamento de Agência e Propaganda), atualmente n'A noite, acadêmica da Faculdade de Direito e, casualmente, russa também. Uma russa de 21 anos de idade e que está no Brasil há 21 anos menos alguns meses. Que não conhece uma só palavra de russo, mas que pensa, fala, escreve e age em português, fazendo disso sua profissão e nisso pousando todos os projetos do seu futuro próximo e longínquo. Que não tem pai nem mãe – o primeiro assim como as irmãs da signatária, brasileiro naturalizado – e que por isso não se sente de modo algum presa ao país de onde veio, nem sequer por ouvir relatos sobre ele. Que deseja casar-se com brasileiro e ter filhos brasileiros. Que, se fosse obrigada a voltar à Rússia, lá se sentiria irremediavelmente estrangeira, sem amigos, sem profissão, sem esperanças. Senhor Presidente. Não pretendo afirmar que tenho prestado grandes serviços à Nação – requisito que poderia alegar para ter direito de pedir a V. Ex.^a a dispensa de um ano de prazo, necessário à minha naturalização. Sou jovem e, salvo em ato de heroísmo, não poderia ter servido ao Brasil senão fragilmente. Demonstrei minha ligação com esta terra e meu desejo de servi-la, cooperando com o DIP, por meio de reportagens e artigos, distribuídos aos jornais do Rio e dos estados, na divulgação e na propaganda do governo de V. Ex.^a. E, de um modo geral, trabalhando

na imprensa diária, o grande elemento de aproximação entre governo e povo. Como jornalista tomei parte em comemorações das grandes datas nacionais, participei da inauguração de inúmeras obras iniciadas por V. Ex.^a, e estive mesmo ao lado de V. Ex.^a mais de uma vez, sendo que a última em 1º de maio de 1941, Dia do Trabalho. Se trago a V. Ex.^a o resumo dos meus trabalhos jornalísticos não é para pedir-lhe, como recompensa, o direito de ser brasileira. Prestei esses serviços espontânea e naturalmente, e nem poderia deixar de executá-los. Se neles falo é para atestar que já sou brasileira. Posso apresentar provas materiais de tudo o que afirmo. Infelizmente, o que não posso provar materialmente – e que, no entanto, é o que mais importa – é que tudo que fiz tinha como núcleo minha real união com o país e que não possuo, nem elegeria, outra pátria senão o Brasil. Senhor Presidente. Tomo a liberdade de solicitar a V. Ex.^a a dispensa do prazo de um ano, que se deve seguir ao processo que atualmente transita pelo Ministério da Justiça, com todos os requisitos satisfeitos. Poderei trabalhar, formar-me, fazer os indispensáveis projetos para o futuro, com segurança e estabilidade. A assinatura de V. Ex.^a tornará de direito uma situação de fato. Creia-me, Senhor Presidente, ela alargará minha vida. E um dia saberei provar que não a usei inutilmente. (LISPECTOR, 2002, p. 34-35).

Clarice Lispector sempre falou com convicção que era brasileira, esse era o seu sentimento pelo país, desfrutava da gratidão por ter sido um lugar de refúgio e amparo para sua família, quando relata na carta que era “casualmente russa”, retrata seu distanciamento físico e emocional com seu país de origem, e tem isso como um imprevisto, um acidente, enfatiza seu desejo de naturalizar-se, ao falar que possui “21 anos menos alguns meses”, se refere ao tempo que reside no Brasil, ressaltando que estava construindo uma vida aqui. No momento que fala da sua profissão como jornalista, expõe a importância do seu cargo para o governo, pois o uso da propaganda era um meio crucial para disseminar os interesses políticos, e assim conseguir união em massa. Dito isso, intervém a favor de si mesma, argumentando por vias legais que prestava serviços relevantes ao Brasil, e que possuía capacidade profissional de interesse nacional de forma espontânea.

Desse modo, cita um elemento primordial para conseguir sua naturalização, quando afirma que “fala, escreve e age em português”, pré-requisito exigido para conseguir o deferimento do seu pedido. Com essa carta, Clarice desnuda a sua alma, como meio de comover o presidente e o Ministério da Justiça a antecipar sua solicitação, declara-se órfã de pátria e país, utilizando sempre sua maneira de tocar a alma com suas palavras, e assim estrutura sua defesa, faz uso de artifícios jurídicos, já que dispõe de conhecimento para isso, alegando que pode apresentar provas concretas e legais para consolidar tudo que expôs na carta, tornando “direito uma situação de fato”, ou seja, ela sentia-se brasileira nata, mesmo ainda não tendo

o documento oficial, que lhe asseguraria sua nacionalidade e daria maior segurança pessoal de construir uma vida como qualquer outro brasileiro que goza dos direitos e deveres de um cidadão.

Quando Clarice envia a carta, ela tem urgência em conseguir a homologação, porém, não conseguiu de imediato. Tratamos aqui da Era Vargas, o contexto social era de um governo que detinha o poder centralizador e de grande segregação de imigrantes estrangeiros, conforme afirma Maria Luiza Tucci Carneiro:

Chamando a atenção para a presença do judeu imigrante durante o Estado Novo. Lenharo focaliza-o como elemento indesejável cujo sangue não interessava para a composição da população nacional. Contrapondo o conceito de “trabalhador” ao de “parasita”, identifica a ideia de “sangue sêmen”, como mecanismo de poder. Tomando-se pela orientação desse fluxo sanguíneo, classificou-se como negativa a entrada de judeus, japoneses e negros. (CARNEIRO, 1988, p. 35).

Nessa perspectiva, o processo tem continuidade, quando chega nas mãos de Getúlio Vargas, questionando-a sobre o motivo dessa solicitação tardia, já que há muito tempo residia no Brasil, e estranha essa diligência em ser contemplada. Todavia, após alguns impasses burocráticos, Clarice torna-se uma legítima brasileira, e mesmo depois de ter vários países como lar, sustenta sua paixão e saudade por essa nação que foi o primeiro lugar que lhe acolheu, o Brasil nunca deixou de ocupar os seus pensamentos, eram lembranças que carregava com carinho.

Querida, quase quatro anos me transformaram muito. Do momento em que me resignei, perdi toda vivacidade e todo interesse pelas coisas. Você já viu como um touro castrado se transforma num boi? Assim fiquei eu [...], em que pese a dura comparação[...]. Para me adaptar (sic) ao que era inadotável (sic), para vencer minhas repulsas e meus sonhos, tive que cortar meus aguilhões [...] E com isso cortei também minha força. Espero que você nunca me veja assim resignada, porque é quase repugnante. Espero que no navio que nos leve de volta, só a ideia de ver você e de retornar um pouco minha vida [...] eu me transforme inteiramente. (LISPECTOR, 2002, p. 165).

Notamos aqui um certo desnorreamento, um ser limitado, por maior autonomia e esvaziamento das angústias que a escrita lhe proporcionava, ainda assim, Clarice tornou-se uma mulher impotente, diferente daquela escritora fascinante e cheia de perspectivas que o Rio de Janeiro conhecera, uma pessoa submetida aos propósitos alheios, e que isso tirava-lhe toda sua habitação e empurrava-lhe para baixo, até se tornar uma casca, cuja composição agredia os seus bons sentimentos, isso definhava sua alma, até restar somente o silêncio e o cansaço acumulado por não conseguir se encaixar, compreendia que a Ucrânia foi sua matriz, mas não era seu lugar de “conforto”, e sim o Brasil.

Naquela terra eu literalmente nunca pisei: fui carregava de colo. Mas lembro-me de uma noite, na Polônia, na casa de um dos secretários da Embaixada, em que fui sozinha ao terraço: uma grande floresta negra apontava-me emocionalmente o caminho para Ucrânia. Senti o apelo. A Rússia me tinha também. Mas eu pertencço ao Brasil. (MOSER, 2009, p. 56).

É nítida a grande devoção que Clarice sentia pela nação brasileira, possuía uma ligação umbilical com o país, sempre fez questão de frisar isso, todavia, por mais que sempre afirmasse o Brasil como sua casa de pertença, ainda sim, intimamente sustentava em seu espírito a busca para preencher um vazio que não subtraía totalmente, residia ali, era parte dela e lhe causava incômodo, morava em um corpo que lhe estranhava, seu ser não tinha o mundo como ponto referencial, e mais tarde veio descobrir que sentir-se em constante exílio, não vinha propriamente do espaço físico, ou geográfico, era um exílio interior. Portanto, este capítulo se dedicará a análise da condição de deslocamento, na crônica *Pertencer*, e quais fatores se fez presente para ocorrência de uma história de repetidos desterramentos da alma.

4.2 A crônica *Pertencer* e o sentimento de deslocamento.

É ruim estar fora da terra onde a gente se criou, é horrível ouvir ao redor da gente línguas estrangeiras, tudo parece sem raiz; o motivo maior das coisas nunca se mostra a um estrangeiro, e os moradores de um lugar também nos encaram como pessoas gratuitas. Para mim, se foi bom, como um remédio é bom para saúde, ver outros lugares e outras pessoas, já há muito está passando do bom, está no ruim, nunca pensei ser tão inadatável (sic), nunca pensei que precisava tanto das coisas que possuo. (Lispector, 2002, p.145).

Realizar uma análise sobre a crônica *Pertencer*, da coletânea, *A descoberta do mundo*, é um desafio labiríntico e profundo, por se tratar de um conjunto de sentimentos da autora exteriorizado pela escrita, aqui, não é um personagem que trilha caminhos flagelados, é um monólogo que irá mostrar uma parte do seu desnudamento, deixando escoar um misto de conflitos interiores projetados no seu ser, que se instala no modo que escreve. Essa crônica é a síntese da sua linguagem, revelando um imenso vazio que acompanhou Clarice durante toda a sua vida, ela vê nesse gênero, mesmo não seguindo sua estrutura padrão, a oportunidade de autorrenvidicar-se, pois põe a vida naquilo que produz e nos toca sem muito esforço, despertando na alma a sensação de um rasgar-se de dentro para fora.

Ao tentar buscar significados relevantes para seu pertencimento no mundo, Clarice interage com seu passado e desenterra fantasmas referentes a sua condição enquanto criança, o propósito é se encontrar no meio de tantas névoas decorrentes do tempo que turvam a sua visão, ela visita a sua infância e sente que aquele lugar já

lhe pertenceu, embora tenha sido um tempo de angústia, pela sua mãe parálitica, mas simultaneamente, ia ao encontro do seu lugar de amparo, de segurança. É nesse embalo de vagar por lembranças nostálgicas e tomadas de lucidez que Clarice narra acontecimentos e sentimentos que tinha do seu seio familiar, e expõe na crônica, *Pertencer*, publicada pela primeira vez em 15 de junho de 1968, no Jornal do Brasil, e posteriormente na coletânea, *A descoberta do mundo (1984)*, sendo ela objeto de análise deste trabalho.

Nessa crônica, Clarice tece um relato com contornos poéticos sobre seu início de vida, questiona sua função, seu propósito no mundo, está em um cárcere vitalício por uma circunstância que não podia elucidar, é um desabafo em primeira pessoa que aponta os acontecimentos traumáticos que vivenciou e culminou na abertura de um abismo interior, em seu nascimento já é evidente o seu ser como falido, por ser um alvo de expectativas, no primeiro fragmento quando diz:

Um amigo meu, médico, assegurou-me que desde o berço a criança sente o ambiente, a criança quer: nela o ser humano, no berço mesmo, já começou. (LISPECTOR, 1999, p.110).

Esse “amigo” a quem se refere é um psicanalista ou psicólogo, vale lembrar que Clarice iniciou terapia psicanalítica a partir de 1940, quando ainda residia em Berna, se interessou por esta área e se tornou uma leitora voraz, lia Karen Horney, Wilhelm Reich e Erich Fromm, Jerome Bruner, personalidades que detinha o conhecimento acerca do comportamento humano, e que contribuíram definitivamente para esse processo de autoconhecimento, fazendo-a entender sobre autoconfiança, seus sentimentos angustiantes e ansiosos, como uma possibilidade de tentar distanciá-la do pessimismo que sofria, quando diz que a criança sente o ambiente, não necessariamente sente-se pertencente a ele, mas desenvolve a capacidade de se relacionar, necessitando de um investimento afetivo que acolha seus estímulos, depende totalmente da mãe, para isso precisa dessa satisfação para garantir a sensação de bem-estar, segundo Safrá [...] “necessita que alguém no mundo seja seu anfitrião e acolha seu gesto que constitui o início de si mesmo”. (SAFRA, 2004, p.104), dessa forma irá adquirir confiança no espaço ao seu redor, e que são passíveis de ajustes para adaptação à vida em sociedade.

Ao analisar seu discurso sobre a *fome* de pertencer, nota-se a dependência que não é mais só de um outro ser que seja capaz de acolhê-la nesse estado de

solidão, ou de ser atribuída a algum lugar, mas de ser para si mesma, ela quer um pertencimento total, e isso surge como um anseio, como se fosse um portal para se tornar humana. Ela afirma:

Tenho certeza de que no berço a minha primeira vontade foi a de pertencer [...] eu de algum modo devia estar sentindo que não pertencia a nada e a ninguém. Nasci de graça. Se no berço experimentei essa fome humana, ela continua a me acompanhar pela vida afora, como se fosse um destino. (LISPECTOR, 1999, p. 110).

O próprio nascer já se configura um deslocamento, um estranhamento da mudança de lugar, de acordo com Donald Winnicott (1990), [...] “neste início, a continuidade do ser do novo indivíduo é destituída de qualquer conhecimento sobre a existência do ambiente e do amor nele contido”, então deixa-se um espaço de comodidade, por isso a criança tende a se adaptar para voltar a ter esse refrigerio, então a sua ânsia, nesse trecho, seria a de ter essa assistência física de um lar, embora a escritora tenha usufruído dessa sensação de conforto ainda na sua fase embrionária, ou seja, por um tempo determinado e que se encerrou ainda na infância, quando adulta carrega consigo o martírio de não sentir-se se quer alguém, por não saber sua localização no mundo. E “nascer de graça”, retrata a inexistência de motivos para seu nascimento, uma gratuidade desnecessária, visto que não supriu as expectativas de salvação, era uma pessoa impotente, e essa foi uma situação que desestabilizou sua vida.

Com o tempo, sobretudo os últimos anos, perdi o jeito de ser gente. Não sei mais como se é. É uma espécie toda nova de “solidão de não pertencer” começou a me invadir como heras num muro. Se meu desejo mais antigo é o de pertencer, porque não é isso que eu chamo de pertencer. O que eu queria, e não posso, é por exemplo que tudo o que me viesse de bom de dentro de mim eu pudesse dar àquilo que eu pertença. Mesmo minhas alegrias como são solitárias às vezes. E uma alegria solitária pode se tornar patética. É como ficar com presente todo embrulhado em papel enfeitado de presente nas mãos e não ter a quem dizer: tome, é seu, abra-o! Não querendo me ver em situações patéticas e, por uma espécie de contenção, evitando o tom de tragédia, raramente embrulho com papel de presente os meus sentimentos. (LISPECTOR, 1999, p. 110).

Nesse fragmento, nota-se a desconexão da autora com o mundo, quando diz “perdi o jeito de ser gente”, apresenta um estado de ruptura com quem já foi, sente-se ausente, e essa insatisfação consigo mesma advém de uma instabilidade emocional e a falta de domínio das suas ações deixa-a fora de órbita, ela está fechada nos seus pensamentos que lhe arrebatam para o passado, sem levar em conta o que acontece ao seu redor naquele dado momento, quando seu olhar é ancorado para

trás, cria um espaço que a coloca à parte do mundo, por isso sente que é deserdada pela vida, que não pertence aquele contexto.

Ao afirmar que os seus sentimentos não podem ser embrulhados em um papel enfeitado e dados alguém, define que há algo bom dentro dela que precisa ser compartilhado com alguém e que ela não quer que morra, quer ceder generosamente, mas esse alguém não existe, esse sentimento é anulado pela solidão, ela anseia por partilhar, para que outras pessoas sintam esse algo interior germinarem dentro de si, por isso, a escrita se torna seu refúgio, seu amparo, não embrulha os sentimentos e cede, pois traz uma ideia que o que tem é tão íntimo e impactante que esse conteúdo tem que ficar à mostra, para que quem receber tenha conhecimento dessa posição na sua vida, é algo genuíno, que carrega os segredos das profundezas da sua alma.

Contrastando com a visão anterior, ela se revela feliz e pertencente a uma única instância, conforme a última parte da crônica, a literatura brasileira, esse orgulho do seu fazer literário não é um sentimento vaidoso por estar cercada de ícones que compõe esse meio. Ao fazer parte desse ciclo, a solidão se refugia dela durante alguns instantes, porém como a sequência do texto mostra, logo essa sensação dá espaço novamente ao vazio no qual relata a sua difícil infância e o fato de não curar sua mãe, durante a gravidez, embora não possa ser acusada disso, pois não é viável ser culpada por elementos alheios a ela.

No último parágrafo, compara a sede com a vontade de pertencer, os últimos sôfregos goles de água de um cantil, quando se está no deserto, é tão doloroso quanto a sua alma não ter um lugar, ressalta a forma de como a vida pode ser cruel, por de vez em quando ceder essa sensação de pertencer só para ela se sentir alguém, mas logo após sentir que a sede passou, ela volta, só para sempre lembrá-la do que está perdendo, do que falta, esse pequeno gole, não concretiza a saciedade, seu norteamento existencial, ela precisa de mais, Clarice é visceral, sua vida pode não ter sido justificável para ela, mas a sensação que fica é que de certa forma ela pertence a cada um de nós, seus leitores.

O senso de pertencimento é inerente ao ser humano, uma vez que nossas relações não podem ser entendidas como singulares, pois naturalmente partilhamos da necessidade de sermos aprovados pelo olhar do outro. Quando esse sentimento de adequação e reconhecimento da centralidade do sujeito não ocorre, vem à tona o

desejo de isolamento e a sensação de inferioridade em relação às pessoas que nos cercam:

O território para cada um de nós não é soberano; ser significa ser para o outro, e por meio do outro, para si próprio. Tudo que diz respeito a mim chega a minha consciência por meio da palavra do outro, com sua entonação valorativa e emocional. Do mesmo modo que o corpo da criança forma-se no interior do corpo da mãe, a consciência do homem desperta a si própria envolvida pela consciência alheia. (BAKHTIN, 1992, p. 39).

Essa relação do eu com o outro é um processo de autoconhecimento, por meio dele, se reconhece como tal, e a ausência de acolhimento o torna um ser estrangeiro, diferente.

Para que possamos compreender essa complexidade humana, e sentirmos na pele esse fenômeno intenso da alma, recorremos à literatura, que é capaz de apresentar personagens fictícios que simbolizam as várias facetas que o homem desempenha na vida em sociedade, pois os enredos são inspirados em acontecimentos cotidianos e repletos de significação social. Neste sentido, as obras claricianas trazem o lume para a literatura brasileira, uma vez que os sujeitos dos seus textos provocam uma sondagem interior, buscando constantemente a essência do próprio *eu*, por meio da palavra. E a linguagem de Clarice, não tem o propósito de tornar os leitores alienados, e sim livres, para que possamos enxergar nos personagens a angústia e desconsolo enraizados em nós mesmos, essa linguagem permite a tomada de consciência e possibilita a ocorrência de experiência de uma maneira mais íntima.

Literatura é arte, é um ato criador que por meio da palavra cria universo autônomo, onde seres, as coisas, os fatos, o tempo e o espaço assemelha-se aos que podemos reconhecer no mundo real que nos cerca, mas ali transformados em linguagem; assumem uma dimensão diferente; pertencem ao universo da ficção. (COELHO, 1974, p. 23).

Dessa forma, as sensações de Clarice são expressas por meio da palavra, e essas falam diretamente com suas dores da alma. Embora a escrita clariciana esteja entre ficção e memória, é cheia de alegorias, mas a sua presença é marcante, sempre está em um lugar visível da obra, não é árduo o caminho para encontrar suas referências biográficas, em uma linguagem poeticamente tecida, recria palavras e silêncios, e permite a transição da ficção para a realidade recordada, e a crônica será um instrumento que fornecerá aos leitores a possibilidade de extrair de Clarice toda

sua personalidade, sem a necessidade de velar-se por trás dos sujeitos que compõem seus textos.

O olhar do outro, sempre lhe mostrou indícios de um não pertencimento, por seu físico e seu sotaque marcante, e esse sentimento será intenso e constante na sua escrita, pois vaga sensivelmente por territórios na busca de encontrar um lugar que se caracterize como um lar, até compreender que essa sensação não vem de um espaço físico, mas sim do seu próprio existir, suas experiências durante anos no exterior, aprofunda essa percepção, o fato de residir em inúmeros países e não usufruir dessa estadia de uma maneira confortável, mostra sua condição de sentir-se exilada, e a sua jornada internacional agravou esse fenômeno interior, e para chegar a esse ponto, é necessário que esse efeito colateral da vida se tivesse feito presente muito antes, a angústia da busca pelo que se é, sua identidade para si mesma está em suspenso, carregava a impossibilidade de se reconhecer como sujeito da sua própria vida.

Clarice era estrangeira. Não porque nasceu na Ucrânia. [...] Clarice era estrangeira na terra. Dava a impressão de andar no mundo como quem desembarca de noitinha numa cidade desconhecida onde há uma greve geral de transportes. [...]. Acho que a conversa que mantinha consigo mesmo era intensa demais. (GOTLIB, 1995, p. 52).

Para entender o que pode ter desencadeado essa incompletude, é necessário ir ao ponto de partida, ou seja, seu apego ao passado aponta possíveis contribuições para esse estado psíquico da sua vida adulta, uma vez que carrega uma culpa incessante, sendo assim, a relação familiar é decisiva no desenvolvimento do emocional da criança, e ela carrega memórias vitalícias de acordo com as experiências iniciais da vida.

O que ocorre nela plasma a criança desde a sua mais tenra idade e desempenha um papel decisivo no despertar de suas faculdades. Assim como a realidade se reflete no meio deste círculo, a criança que cresce dentro dele sofre sua influência. A família cuida, como um dos componentes da educativos mais importantes, na reprodução dos caracteres humanos tal qual os exige a vida social, e lhes empresta em grande parte a aptidão imprescindível para o comportamento especificamente autoritário do qual depende amplamente a sobrevivência da ordem burguesa. (HORKHEIMER, 1990, p. 214).

Nesse sentido, a infância pode ter sido fundamental para a constituição da sua subjetividade e conseqüentemente da culpa, o trauma do seu nascimento é para ela uma fase de impotência e inutilidade, causando marcas duradouras, de

acordo com Gilberto Safra (2004), “[...] o bebê pode encontrar em seu berço uma missão, um enigma ou uma questão”. E ainda explica: “Cada uma dessas possibilidades estabelece de modo distinto a situação originária do bebê e influencia, decisivamente e de forma singular, aquele que será o percurso dessa criança pela sua existência. (SAFRA, 1990, p. 154). Essa responsabilidade incorpora-a ao mundo de expectativas, que seriam próprias da fase adulta, Clarice foi obrigada a se privar das alegrias da infância, cresceu com a imagem da sua mãe doente, em agonia constante, vendo suas irmãs cuidarem da mãe e dos afazeres domésticos, invertendo o papel que costuma ser maternal, seu pai, trabalhava exaustivamente para trazer o sustento diário para casa, visto que era imigrante e seu trabalho nesse contexto social era desvalorizado.

Como pertencer àquela família que emanava sofrimento no dia a dia? Clarice desconhecia a causa disso tudo, era incompreensível para uma criança, e a memória dela adulta, ainda vivenciava essa vida árdua, mesmo com passar do tempo. Em uma entrevista Lispector diz: “Nós éramos muito pobres e ainda havia doença em casa. E eu era tão alegre que escondia a dor de ver aquilo tudo”. (SANT’ANNA, COLASANTI, 1978, p. 21).

Quando Lispector, escreve sobre o passado, ela abre espaço para procurar vestígios de uma Clarice infantil em si, o que lhe restou, tentando entender seu atual estado de ser, essa inquietação da procura por uma identidade se entrecruza com sua memória, pois mesmo tendo uma infância insalubre, sentia-se viva naquela estação da vida, ao recordar, escava o seu eu, tentando apresentar para si própria as parcelas da sua identificação, memória e identidade são pertencentes e indissociáveis:

A memória, ao mesmo tempo em que nos modela é também por nós modelada. Isso resume, perfeitamente a dialética da memória e da identidade que se conjugam, se nutrem mutuamente, se apoiam uma na outra para produzir uma trajetória de vida, uma história, um mito, uma narrativa. (CANDAU, 2012, p. 16).

Ao rememorar sua infância por meio de cartas e crônicas, revela suas fragilidades e inseguranças, Clarice dá sentido à sua vida reinventando o seu lugar no mundo, a escrita de si permitiu desvendar parcialmente diversas faces que ela mascarava, suas obras eram seu ponto de apoio, e foram a mola impulsionadora da sua existência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, o presente trabalho teve o intuito de abordar o sentimento de não pertencimento experimentado por Clarice Lispector no decorrer da sua vida, a partir disso, houve a necessidade de uma leitura a respeito da biografia da autora e de seus textos que revelam as tensões causadas por um exílio da alma.

A crônica pertencer e a carta de naturalização foram espaços usados para mostrar a sua liberdade criadora, expondo o que sentia de uma forma mais poética, até mesmo quando partilhava a realidade do viver humano, é tocante o modo de exprimir pensamentos e questionamentos de uma sociedade que era acelerada que precisava dar uma pausa para reconhecer-se intimamente, ao questionar sua identidade ela se coloca a parte das relações sociais, e evidencia sua fragilidade, criando um abismo entre o eu e o mundo.

Desse modo, quando fala-se das vivências e realidades da autora, certamente trata-se de suas impressões ali colocadas, ao voltar-se para o íntimo do ser humano, é obrigatoriamente chamada a falar de si. Sua sensibilidade é expressiva e sua escrita lhe envolvia cuidadosamente, e isso é um convite aos seus leitores, que tentam descobrir as várias facetas que compunham o interior da enigmática e instigante, Clarice Lispector.

Para realização desta pesquisa, foram utilizados estudos de autores que contribuíram de forma ímpar para entender a complexa realidade de Clarice, sendo eles, Nádya Batella Gotlib, Benjamin Moser, Olga Borelli, Benedito Nunes, entre outros críticos que dedicaram-se a estudar sua vida carregada de cicatrizes físicas e psíquicas.

Ao recorrermos à sua biografia, podemos ter um melhor entendimento do sentimento de desterritorialização que sofria, pois, seu percurso serve de testemunha, suas perdas, imposições e ausências podem ter sido elementos cruciais para seu lançamento no mundo da literatura, que lhe permitiu registrar seus anseios e vivências, por mais que fossem ficcionais, eram relacionados com sua trajetória pessoal, cheia de dramas e melancolia, e esta é uma possível marca identificatória.

Ler Clarice é uma provocação, ela desafia o leitor a trilhar inúmeros caminhos de mistérios, o sentido da sua escrita está justamente naquilo que costuma fugir a atenção, encontra-se nas sensações que o texto produz, vai muito além da linguagem estética, deparamo-nos constantemente com vazios e lacunas, ela nos dá autonomia de analisar o nosso próprio sentir a partir de suas palavras nos tornando vulneráveis, e para entender seu discurso literário, é preciso despir-se de todo prejulgamento e ter um olhar sensível, pois só assim sua linguagem cheia de subjetivismo irá ao encontro do ser por meio da psicanálise, solicitando o descortinamento do íntimo dos personagens, dos leitores e da própria autora, saindo do limite das impressões e inundando-se de assombros, admirações e vertigens.

Clarice não quis mostrar somente seu lado brilhante enquanto escritora, sua intelectualidade, suas produções literárias desnudam sua alma, revelando a criança, adolescente e mulher que foram castigados por sempre carregar uma responsabilidade fúnebre e não se reconhecer como protagonista da sua própria vida. Na infância, a perda prematura de sua mãe desencadeou essa potencialidade melancólica, deixando-a à deriva das circunstâncias, esse vazio crônico necessitava ser preenchido, para amenizar o lugar afetivo que sua mãe deixou, precisava de um acolhimento interior, já que a vida tratou de lhe tirar tudo que deveria ser dela, até seu próprio nome, esse sentimento de exílio só a abandonava quando escrevia, por meio de seus textos a autora passa para seus leitores essa mesma sensação, e isso lhe conferia de modo parcial um certo conforto, alívio por compartilhar suas dores.

Para que possamos compreender essa negatividade de não pertencer, foi significativo falar da relação do eu com o outro, essa questão existencial é importante pois se refere a uma tensão urbana que corresponde a uma evasão identitária universal, um descompasso da natureza humana, quando Clarice fala de si, ela também fala do outro, uma vez que envolve compartilhamentos sociais e culturais o que é necessário para formação do ser, antes de ser individual o ser humano precisa da coletividade, para assim descobrir as suas relações com o mundo, diante disso, foi citado Bakhtin (1992), que aprofunda as compreensões ideológicas da consciência individual, assim como Horkheimer que fala das experiências infantis, o contato com a família, sendo este um processo decisivo no comportamento e desenvolvimento da criança.

Além desse trauma de infância, Clarice sentia-se estranha e deslocada no âmbito profissional, foi subestimada durante toda a sua carreira, primeiramente por ser uma jovem escritora em um contexto social marcado pelo machismo, no início invalidavam seus textos por ser mulher, depois de ser reconhecida pelos seus romances, diziam que seus textos eram inacessíveis pela linguagem intimista, e por último era adjetivada de hermética e alienada, por não falar diretamente das causas políticas e sociais que o Brasil enfrentava, dessa forma, diziam que ela vivia à sombra da hegemonia, sendo assim, seus traumas pessoais e as severas críticas sofridas contribuíram para se sentir um ser fora do lugar.

No que diz respeito à esta monografia, a busca constante por pertencer gerou na autora angústias, e a impossibilidade de ser e de estar, deslegitimando-a, ela foi um mergulho em si, ao pertencer à literatura, Clarice encontrou a forma de incluir-se no mundo, de dar significado a existência, mas ao lê-la não mergulhamos somente nela, autorreconhecemo-nos, a partir e através dela.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. (1992). **Estética da criação** verbal. São Paulo: Martins Fontes.
- BORELLI, Olga. **Clarice Lispector. Esboço para um possível retrato**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.
- CALDAS, Álvaro (org). **Deu no Jornal: o jornalismo impresso na era da internet**. Rio de Janeiro: Editora PUC – Rio; São Paulo: Loyola, 2002.
- CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. São Paulo: contexto, 2012.
- CANDIDO, A. **No raiar de Clarice Lispector**. In: Vários escritos, 2. ed. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1977.
- CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. **O Anti – Semitismo na Era Vargas**. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura: natureza e conceituação**. In: Quiron, 1974, p. 23.
- FOUCAULT, Michel. **A história da sexualidade**. Rio de Janeiro: Graal, 1980. V.1: a vontade de saber.
- GOMES, André, Luís. **“Entre Focos: correspondências e Textos Literários”**. In: Cerrados: revista. Brasília, DF: UNB Tema especial: Literatura e presença: Clarice Lispector. Vol. 16, N. 24, 2007.
- GOTLIB, Nádia B. **Clarice: uma vida que se conta**. São Paulo: EDUSP, 2009.
- _____. Clarice Lispector: uma vida que se conta. São Paulo: Ática, 1995.
- HORKHEIMER, M. **Teoria Crítica: uma documentação**. São Paulo: Perspectiva: Ed. da USP, 1990.
- LISPECTOR, Clarice. **Correspondências**. Org. Teresa Montero. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.
- LISPECTOR, Clarice. **A descoberta do mundo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- LISPECTOR, Clarice. **Correspondências**. Rio de Janeiro: Rocco, 2007, p. 43- 44.
- LISPECTOR, Clarice, *Declaração de amor*, **Jornal do Brasil**, 1968. p. 2.

MARCOS, C. M. (2015, julho). **A escrita da voz em Clarice Lispector: Da escrita ao objeto**. Psicanálise & Barroco em revista.

MARTINS, Dileta Silveira. **As faces cambiantes da crônica moreyrana**. 1977. p. 157. Dissertação (mestrado em Letras) Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 1977.

MONTERO, Teresa (org). **Correspondências: Clarice Lispector**. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

MOISÉS, Massaud. **História da Literatura Brasileira: modernismo**. São Paulo: Cultrix, 1989.

MORAES, Juliana Andrade de. **A fantasia no conto clariciano “Restos de Carnaval”**. Fórum. GEPIADE. Ano.5. vol. 9. 2011.

MOSER, Benjamin. **Clarice**. Trad. José Geraldo Couto. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

MOSER, Benjamin. **Clarice**. Companhia das Letras. 2009. p. 56.

NOLASCO, Edgar César. **Restos de ficção: a criação biográfico – literária de Clarice Lispector**. São Paulo: Annablume, 2004.

NUNES, Benedito. **O Dorso do Tigre**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

PAIXÃO, Sylvia. **Um sopro de vida na Hora da Estrela; uma leitura das crônicas de Clarice Lispector**. In: Revista Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro, 104: p. 111- 12p, Jan/Mar. 1991.

PRODANOV, C.C.; FREITAS, E.C. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas de pesquisa e do trabalho acadêmico**. Novo Hamburgo, RS: Feevale, 2013.

SÁ, Olga de. **A escritura de Clarice Lispector**. Petrópolis: Vozes, 1979.

SÁ, Jorge de. **A crônica**. São Paulo: Ática, 1985.

SAFRA, Gilberto. A po-ética na clínica contemporânea. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2004. p. 104.

SANT’ ANNA, Afonso Romano de; COLASANTI, Marina. “ Dezembro sem Clarice”. *Escrita* São Paulo, n. 27, 1978, p.21.

SARTRE, Jean -Paul. **O Existencialismo é um Humanismo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

VIOLANTE, Maria Lucia Vieira. **A criança mal-amada**: estudo sobre a potencialidade melancólica. Rio de Janeiro: Vozes, 1995. p. 10.

WINNICOTT, Donald D. "Um estado primário do ser: os estágios pré - primitivos". **Natureza Humana**. Rio de Janeiro: Imago, 1990, p.154.